

SOBRE A QUESTÃO DA MIMESIS

CARTA A ROBERTO SCHWARZ*

Quando de nosso debate em Berlim — que você reproduz com fidelidade em "Originalidade da crítica de Antonio Candido" — assinalou-se ser a primeira vez que tínhamos a oportunidade de expor nossas mútuas divergências. Acrescentava-se que não parecia ocasional que isso se desse em cidade estrangeira e tão distante do eixo em que temos os dois vivido, antes indicando a ausência, no Brasil, de um clima propício para a efetiva discussão intelectual. Por essa razão, não responder positivamente à sua gentileza de oferecer-me o espaço de *Novos Estudos Cebrap*, mais do que que grosseria, significaria a perda de oportunidade para o começo de uma troca intelectual esclarecedora e potencialmente fecunda.

Com esse propósito, devo-lhe dizer que nossa divergência não decorre de que eu parta da identificação entre produção literária e prática antimimética, o que implicaria, como você diz, o "antagonismo [...] entre a captação do social e a produtividade específica da literatura e da linguagem". Nossa divergência parte sim de concepções diferenciadas da *mimesis*. Desde *Mimesis e modernidade* (Rio de Janeiro: Graal, 1980) e "Representação social e mimesis" (incluído em *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981), tenho desvinculado o fenômeno da *mimesis* da ênfase tradicionalmente dada à semelhança dentro da qual ela operaria, isto é, à adequação que por ela se estabeleceria entre uma matéria social prévia e a elaboração literária. Em lugar pois do realce da confluência entre matéria social e texto, tenho procurado caracterizar a *mimesis*, em seu limite, como *produção da diferença*, isto é, algo que não é lido através de uma *representação* previamente consolidada de um referencial — digamos, para simplificar, a realidade — mas sim que força a constituição de uma representação. Ou seja, a *mimesis* não é um modo de *reconhecimento* mas de produção de *conhecimento*. Desta maneira, passa a ser evitada a oposição entre matéria social e específica produtividade literária, acentuando-se que essa especificidade implica o trabalho sobre aquela matéria, sem, entretanto, se subordinar seu resultado ao que, previamente, já *estava* naquela matéria.

A esquematização grosseira que aqui faço poderá dar a entender que se trata simplesmente de inverter os termos da questão e então, contra a

(*) Esta carta foi escrita a propósito do artigo de Roberto Schwarz "Originalidade da crítica de Antonio Candido", publicado no nº 32 de *Novos Estudos* (N. do E.).

prática de séculos, de identificar a *mimesis* com o diferente (o não previsível, o não homogêneo com algo prévio). Mas não é isso. Tanto assim que o próximo passo tenha consistido em mostrar como essa *ponta diferencial* só pode ser reconhecida pelo leitor através de semelhanças por ele encontráveis com o já existente. Noutras palavras, o diferencial trazido em seu limite pela *mimesis* precisa encontrar, no repertório do receptor, algum traço de semelhança, com o qual e a partir do qual o receptor poderá elaborá-lo. O fenômeno da *mimesis* supõe, por conseguinte, uma complicada negociação entre o caráter do produto e as condições de sua recepção. Esta inevitavelmente "traduz" o diferente alcançado no semelhante já estocado. É ainda por isso que, como a entendo, a *mimesis* traz em seu horizonte a categoria de *evento*, isto é, o fenômeno que não se poderia prever dada uma estrutura prévia.

Desta reelaboração resulta que a questão para o *crítico* consistiria em apreender a (possível) *diferença* da obra que considera, em vez de cair na armadilha de só compreender o possível novo pelos sinais do já estabelecido (e isso tanto no sentido de um circuito entre obras como no do circuito entre obras e sociedade).

A proposta reinterpretativa aqui esquematizada apresenta problemas evidentes. Prova-o a recepção dos textos originais em que este esboço se baseia. Assim, se o neo-habermasiano Jochen Schulte-Sasse simplesmente não entende que se fale de *mimesis* propondo-se sua releitura (cf. posfácio à tradução norte-americana de meu *Controle do imaginário* — University of Minnesota Press, 1988), mais recentemente Thomas Brook apresenta um melhor entendimento e uma apreciação no mínimo simpática (*The new historicism and other old-fashioned topics*. Princeton University Press, 1991, pp. 202-5).

No correr de uma simples nota explicativa, não seria possível mais do que apresentar a base rudimentar de como tenho visto a questão da *mimesis*. Minha pretensão é apenas a de assinalar que se pode pensá-la doutro modo. E que assim se tem feito, procurando-se escapar quer ao risco do reducionismo sociológico, quer ao isolacionismo textualista. Se o leitor então estiver interessado na questão, já saberá onde ela começara a ser exposta. Se não for excessivo o otimismo de que esse leitor poderá existir entre nós, para ele acrescentarei que foi com base nessa releitura que vim a pensar depois no fenômeno do controle do imaginário.

Estou certo, caro Roberto, que nossa possível utilidade, para outras pessoas que se interessem pelas relações entre literatura e sociedade, estará menos em uma hipotética concordância nossa do que na explicitação sensata de nossa discordância. Fora disso, será apostar na permanência de um eterno Coríntios x Palmeiras, que fora do futebol é mortal e estéril.

Com o agradecimento por essa oportunidade

Luis Costa Lima

Luis Costa Lima é professor de Teoria Literária e Literatura Brasileira da UERJ.